



NARRADORES DE JAVÉ: HISTÓRIAS, IMAGENS, PERCEPÇÕES

Heloisa Helena Pacheco Cardoso*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
hhcardoso@bol.com.br

O contar uma história preserva o narrador do esquecimento; a estória constrói a identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro.

Alessandro Portelli

RESUMO: O filme *Narradores de Javé* estimula o debate pelos significados que emergem das falas de seus personagens. Construído nas articulações entre presente e passado, o enredo possibilita questionar as visões lineares de interpretação da história e refletir sobre as relações entre história e memória.

PALAVRAS-CHAVE: Narrativas – História – Memória

ABSTRACT: The movie *Narradores de Javé* stimulates the debate for the meanings that emerge of say them of his personages. It is built from the link between present and past and its plot creates questions about the interpretation of the history and also stimulates the reflection about the relationship between history and memory.

KEYWORDS: Narratives – History – Memory

O propósito desse artigo¹ é o de socializar uma experiência didática, realizada no curso de graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, construída nas reflexões feitas com os alunos em torno do filme *Narradores de Javé*. Enfrentando as difíceis relações entre história e memória, e preocupados em não homogeneizar

* Professora titular do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia

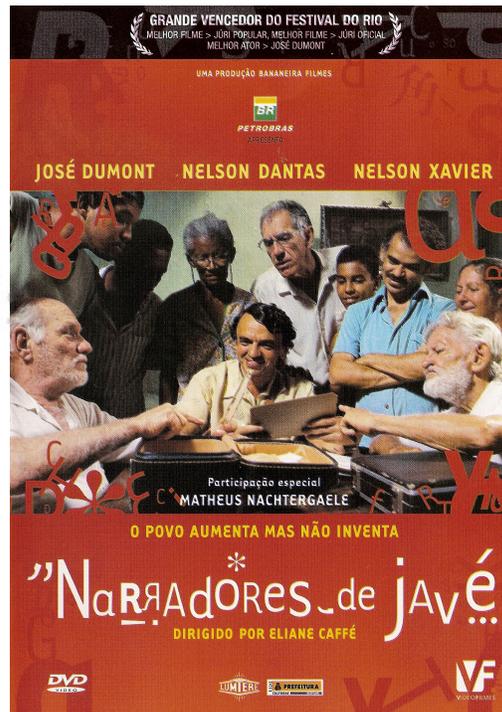
¹ Versão modificada de comunicação apresentada no **XV Encontro Regional de História**, Seção de Minas Gerais, ocorrido em São João del Rei, em julho 2006.

noções e conteúdos, as discussões em sala de aula possibilitaram a emergência de posturas diferenciadas sobre a história e o processo de construção do conhecimento.

As atividades desenvolvidas nas disciplinas Historiografia e Métodos e Técnicas de Pesquisa em História têm propiciado um ambiente de reflexões sobre estas temáticas, reflexões nunca acabadas, mas sempre acrescidas de elementos novos que surgem das trajetórias diferenciadas que os alunos trazem para a sala de aula. Nelas, a busca por compreender as diversas interpretações que marcam a historiografia tem nos levado para outros significados sobre a chamada “verdade histórica” e para o entendimento da memória como campo das relações sociais e dimensão do viver enquanto um espaço de luta.

Narradores de Javé, o filme dirigido por Eliane Caffé e lançado em 2003,² suscita o debate, porque confronta o público que o assiste com uma variedade de significados que emergem das vivências de seus personagens. Ele nos permite questionar os modelos de interpretação da história e as visões lineares que se apóiam em uma linha evolutiva do desenvolvimento humano, marcada por sucessões de fatos que se encaixam nos modelos escolhidos, apagando conflitos, temores, esperanças e motivações de homens e mulheres. Esse apagamento nega as suas presenças enquanto sujeitos históricos que se constroem e se reconstroem na dinâmica da vida social.

É nesse sentido que o filme tem se mostrado um recurso didático importante para as discussões sobre os sentidos da história e os caminhos da construção do conhecimento histórico. Os diálogos que estabelecemos com ele, voltados não só para o seu conteúdo específico, como também para as relações entre história e memória



² O filme tem direção de Eliane Caffé, roteiro de Eliane Caffé e Luiz Alberto de Abreu, produção de Vânia Catani e no elenco conta com José Dumont (como Antônio Biá), Gero Camilo (como Firmino), Nelson Dantas (como Vicentino), Silvia Leblon (como Maria Dina) e outros. Foi rodado entre junho e setembro de 2001, em Gameleira da Lapa, cidade do interior da Bahia. Recebeu vários prêmios, entre eles: nove prêmios no Festival de Recife 2003, incluindo melhor filme; melhor filme também no Festival de Cinema das 3 Américas, de Québec/ Canadá, e no Festival de Buxelas – Independent Film.

suscitadas pelo enredo, constituem espaços importantes para a construção do que entendemos como ofício do historiador.

A produção cinematográfica, como recurso didático, possibilita o debate historiográfico na medida em que ela projeta interpretações. O filme traz um conhecimento que também é produzido, assim como o é aquele que chamamos de histórico.³ Nessa ótica, a linguagem cinematográfica pode expressar um conhecimento elaborado a partir das inserções sociais e políticas de seus diretores e adaptadores. Por outro lado, as leituras que fazemos dele, como historiadores, são informadas pelos nossos referenciais teórico-metodológicos, que nos colocam como sujeitos do conhecimento que produzimos. Nossas leituras também são informadas pela própria historiografia e pelas vertentes com as quais dialogamos, um diálogo que se reconstrói nas relações entre linguagens cinematográficas, produções historiográficas e nossas próprias interpretações.

As reflexões apresentadas a seguir sintetizam as discussões feitas com os alunos, onde a história de Javé se transforma no mote para relacionar textos lidos durante o curso com os diálogos e imagens que emergem no enredo. No foco dessas discussões, as relações entre história e historiografia, os sentidos da história e a produção do conhecimento no contexto da diversidade de abordagens.

A ODISSÉIA DO VALE DE JAVÉ

Javé é um povoado do interior baiano, idealizado como um espaço urbano que foi condenado ao desaparecimento pela construção de uma hidrelétrica, cujas águas inundaram o lugar. O vivido pelos moradores de Javé é narrado Zaqueu que, do seu novo estabelecimento comercial à beira da represa, conversa com um viajante e alguns clientes sobre a “odisséia de Javé”, relatando a eles a sua visão sobre o acontecido. É

³ Ver, entre outros, a análise sobre Cinema, Teatro e Ensino de História, no seguinte texto: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela. Cinema – Teatro – Ensino de História: proposições temáticas e apontamentos metodológicos. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (Orgs.). **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2005. p. 177-196. Apresentando as possibilidades de trabalho didático com filmes, a partir das propostas presentes no documento “Parâmetros curriculares nacionais”, os autores levantam questões essenciais para o estudo da linguagem cinematográfica: como se dá produção do conhecimento histórico? Esse conhecimento é plural? Por que razões? O que é historiografia? Como se dá produção da linguagem/conteúdos dos filmes históricos? Como eles dialogam com a historiografia? (Cf. *Ibid.*, p. 183.)

neste movimento do hoje, quando a cidade antiga não mais existe, para o ontem, que o enredo é construído.

Para o espectador, o que se destaca à primeira vista, nas imagens projetadas, é a pobreza, associada à exclusão social, percebida na falta de conforto e nas ausências, seja de educação formal, seja de assistência à saúde, ou de outras benfeitorias urbanas. As imagens da precariedade das moradias, das ruas sem calçamento, da energia elétrica deficitária, entre outras, reforçadas por um imaginário sobre o nordeste como o lugar da pobreza, parecem emergir como problemática central. No entanto, a importância de Javé não está nas ausências de uma modernidade que ainda não chegou (tão importante para os moradores das grandes cidades), mas nos sentimentos de pertencimento que são manifestados nas falas dos seus diversos habitantes.

A construção da hidrelétrica abre campo também para uma outra reflexão compartilhada com as condições de pobreza da população interiorana, voltada para os significados destas construções na vida das pessoas que são afetadas por elas. A relação entre degradação do meio ambiente e hidroelétrica é um tema presente nas discussões deste século. Das populações ribeirinhas aos órgãos não governamentais, os projetos de novas usinas têm gerado protestos e análises sobre os efeitos negativos no ambiente que elas alteram, incluindo seus efeitos na flora e na fauna, mas principalmente as transformações nos modos de viver das pessoas que são afetadas, que muitas vezes são obrigadas a abandonar lugares e formas de trabalhar e viver para recriá-las em outros espaços.

Em um processo como este, *Narradores de Javé* lida também com as memórias dos moradores do lugar. As suas narrativas, associadas às imagens, em uma produção cinematográfica que une o trabalho profissional de atores como José Dumont com os dos próprios habitantes, abre outra possibilidade de reflexão, com o enfrentamento de questões relacionadas à história e à memória. Nosso enfoque é justamente este, nas articulações possíveis com os outros.

Na tentativa desesperada de salvar a cidade da destruição, os moradores decidem preservar sua história, com recurso à memória oral, registrando em um documento escrito “a grande história de Javé”, como se referem alguns à empreitada de colocar no papel os grandes feitos e os grandes personagens que dariam importância histórica à cidade. O grande problema a ser enfrentado é a escolha de quem poderia escrever essa história já que a maioria dos habitantes é analfabeta. A escolha recai sobre

Antônio Biá, o ex-carreiro, agora historiador, um dos poucos alfabetizados, que recebe a função de escrever “a história científica” a partir dos diversos depoimentos dados pelos habitantes.

Biá, quando carteiro, havia sido expulso do convívio com a população por ter escrito cartas, em nome de outros, contando “fococas” sobre os moradores, na tentativa de salvar o seu próprio emprego na agência de correios, que seria desativada por falta de movimento, criando, desta forma, uma necessidade artificial de permanência da agência, uma vez que o fluxo de correspondências havia aumentado. Essa criatividade, e o trato com as letras, o habilitavam a escrever a história da cidade.

Nessa função Biá vai ouvindo as pessoas. Várias são as histórias contadas pelos moradores sobre as origens da região e do povoado. Cada narrador, ao falar dos heróis que conduziram a população para o lugar onde Javé foi edificada, coloca os seus antepassados e a si mesmo como herdeiros dessas trajetórias de grandes feitos. As imagens trabalhadas a partir das semelhanças físicas entre o narrador e o “herói” indicam uma relação entre o hoje e o ontem que perpassa toda a produção.

Nos enredos construídos, muitos são os que se colocam como sujeitos na história da cidade. Ao falar das origens do povoado, múltiplos personagens emergem nas muitas histórias contadas, que, de acordo com o narrador, relaciona o herói fundador à sua própria história. Indalécio é o herói desbravador, forte e destemido, que conduziu seu povo e o fixou naquele lugar. Para o Sr. Vicentino Indalécio da Rocha, a história de Javé começa com esse personagem, o líder que comandou a travessia do grupo que, expulso de suas terras pelo rei de Portugal, encontrou no Vale um lugar para reconstruir a vida. Como seu próprio nome indica, Vicentino coloca nos seus antepassados a origem do povoado.

Maria Dina é a heroína, na versão relatada por Deodora, idealizada à sua imagem e semelhança. Ela, como descendente de Maria Dina, reconstrói o início de Javé na bravura desta heroína: *mulher que de fato tem importância é Maria Dina*. Na sua explicação, Indalécio ferido não conduzia sua gente para um novo lugar. Nesta formulação o herói é substituído pela heroína, a mulher com capacidade de conduzir um povo. Essa versão é contestada por outro morador, que constrói para Maria Dina não esse perfil, mas o de uma louca que perambulava pelo sertão e com a qual o bando de Indalécio se encontrou.

Indalêo é o herói negro na história do morador, também negro, que legitima a posse da região em disputa. Para o líder desta comunidade, o Brasil é uma parte da África e Indalêo é o chefe de guerra que conduziu seu povo até o Vale, lugar onde morava Oxum, o orixá das águas.

Ao ser inquirido sobre qual história ele escreveria no livro, já que para cada um *a história certa é a que lhe contei*, a resposta de Biá aos que lhe ouviam é significativa: *as duas histórias têm sentido, não se pode contar uma sem prejuízo da outra*. E acrescenta: *a história é de vocês, mas a escrita é minha*.

Lidando com essas múltiplas construções, Antônio Biá é a imagem da dúvida e da incerteza. Entre as muitas narrações, as dos irmãos – o Gêmeo e o Outro – fogem do feito heróico ao falarem do casamento dos pais e da relação da mãe com dois irmãos, que resulta na diferença de filiação entre eles. Os gêmeos colocam em cena as tensões vividas pela família e o problema da posse da terra, terra onde estariam enterrados os restos mortais de Indalécio. Nessa narrativa, este herói é secundário, não é ele que estabelece vínculos entre o presente e o passado, talvez apenas um ponto de identificação com os ouvintes.

Ao contrário dos grandes heróis localizados em um tempo distante, Daniel, um jovem morador, fala da vida e do seu sentimento de pertencimento ao lugar, colocando-se, e a seu pai Isaias, no centro da história de Javé. Narra, portanto, não um passado heróico, mas um presente de dificuldades, com a ausência constante da mãe, a sobrevivência na pobreza, a morte do pai. Embora falando de hábitos, costumes, valores, essas memórias (também importantes) não se constituem, para alguns dos moradores, em patrimônio cultural capaz de salvar a cidade da inundação.

Citando Alessandro Portelli, na sua análise sobre as funções do tempo na história oral, afirmamos que “contar uma história é tomar as armas contra a ameaça do tempo”, preservando o narrador do esquecimento. Para esse autor,

Enquanto os historiadores estão interessados em reconstruir o passado, os narradores estão interessados em projetar uma imagem. Portanto, enquanto os historiadores muitas vezes se esforçam por ter uma seqüência linear, cronológica, os narradores podem estar mais interessados em buscar e reunir conjuntos de sentidos, de relacionamentos e de temas, no transcorrer de sua vida.⁴

⁴ PORTELLI, Alessandro. “O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. In: FENELON, Déa et al. **Muitas Memórias, Outras Histórias**. São Paulo: Olho D’água, 2004, p. 300.

O que “a história de Javé” nos mostra é um campo de disputas, de tensões vividas, não só pela construção da hidrelétrica, mas pela permanência de memórias, entre as muitas histórias que significam o lugar. Nelas, a relação entre o presente vivido (os conflitos gerados pela construção da represa), o passado lembrado (a disputa pela grande história) e o futuro (a possibilidade de um amanhã diferente) transforma a história no espaço onde as contradições do social emergem como possibilidade de mudanças.

Considerando as narrativas como práticas sociais, como expressões da experiência vivida, Yara Aun Khoury nos ajuda a compreender “[...] as narrativas como atos interpretativos”.⁵ Nas falas das pessoas importa perceber a relação entre os fatos narrados e os significados construídos. Na explicação de Khoury, as narrativas são expressões da consciência de cada um sobre a realidade vivida:

Ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesmos, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social. Associando e organizando os fatos no espaço e no tempo, dentro dos padrões de sua própria cultura e historicidade, cada pessoa vai dando sentido à experiência vivida e a si mesma nela.⁶

Indalécio, Maria Dina, Indalêo, e outros personagens criados nas narrativas dos moradores, projetam eles mesmos na realidade social, interpretando pela linguagem as redes de relações construídas e onde se inserem. O momento de crise, vivido como possibilidade concreta de desaparecimento de Javé pela inundação, leva os moradores a reconstruírem o passado atribuindo a ele outras significações. Se, como afirma Khoury, as narrativas são práticas sociais, na individualidade das construções emergem significações sociais do lugar habitado por eles, pautadas pelas diferenças, mas unidas no sentimento de pertencimento.

Em entrevista à *Revista Época*, a cineasta Eliane Caffé, inquirida sobre se “[...] o conflito entre versões mostrado no filme abole a possibilidade de uma verdade absoluta e mostra como os povos constroem suas imagens e mitos sem compromisso

⁵ KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d’água, 2004. p. 116-138.

Esta publicação é uma coletânea de textos que reúne trabalhos de vários pesquisadores que formam um grupo de estudos, originalmente formado pelo Projeto PROCAD “Cultura, Trabalho e Cidade: muitas memórias, outras histórias”, financiado pela CAPES e implementado entre os anos de 2000-2004.

⁶ Ibid., p. 131.

rigoroso com a objetividade”,⁷ destaca que o objetivo da equipe “era mostrar o choque de versões entre contadores de histórias e trabalhar em cima da riqueza da narração oral”. Continuando, afirma:

Queríamos com isso relativizar o caráter oficial do texto histórico e mostrar o jogo de interesses contido nas versões oficiais. Se a História do Brasil fosse contada pelos negros, seria uma outra História e com outras datas comemorativas.⁸

Pergunta e resposta aqui é indicativo da diversidade como o conhecimento é interpretado. A noção de “uma verdade absoluta” solicitada pelo entrevistador teria correspondência na busca da “grande história de Javé” ou na “história científica” que, na visão inicial dos moradores, garantiria a preservação da cidade. Essa história oficial, na sua pretensão de hegemonia, tende a anular outras versões sobre os mesmos acontecimentos, outras histórias e memórias que também disputam lugares, não como mitos, mas como evidências das contradições vividas. Na busca da sistematização de “a história”, as narrativas dos diversos moradores descortinam nas suas muitas memórias, muitas histórias, todas elas carregadas de sentidos.

MUITAS MEMÓRIAS EM OUTRAS HISTÓRIAS

A equipe de engenheiros, acampados na praça, observa e registra as manifestações da população e os moradores publicizam seu desejo de permanecer, falando de seus sentimentos e demonstrando suas emoções. Uma placa anuncia o futuro: *Construção da Barragem do Vale de Javé. Programa de Geração de Energia no Estado da Bahia*. E o “dossiê científico”?

Afinal, na multiplicidade de versões, qual história de Javé foi escrita por Biá? O livro entregue aos moradores está quase em branco. Nas suas justificativas pela missão não cumprida, Biá escreve: *quanto às histórias, acho melhor ficar na boca do povo, porque no papel não há mão que lhes dê razão*. E o papel do historiador? Ele se resume a apenas registrar o que a documentação lhe indica? Não somos também sujeitos do conhecimento que produzimos?

Perseguido, Biá se retira aos berros, andando de costas para retornar nas cenas finais. À beira da represa, os moradores observam a torre e o sino da igreja, únicos

⁷ “EM ENTREVISTA, cineasta Eliane Caffé fala do seu segundo longa, *Narradores de Javé*. **Revista Época**, Rio de Janeiro, Globo Editores, ed. 296, 19 jan. 2004.

⁸ Ibid.

sinais visíveis da antiga cidade, no meio da água. Sentado em uma canoa, Biá abre o seu caderno e começa a escrever. Nestas cenas finais ele move o lápis no papel para começar uma outra história de Javé.

Ao dizer que a história do lugar estava agora sendo escrita, os moradores voltam a relatar suas memórias, para se colocarem nelas como sujeitos. Não mais Indalécio, Maria Dina ou Indalêo. No novo começo, uma cidade submersa, uma reconstrução da vida e outras histórias e muitas memórias. Novamente, as pessoas seguem Biá, relatando seus feitos. Na noção de história como processo, a transformação é componente que indica a presença do novo, sem que o velho tenha de todo desaparecido. Neste sentido, a busca pela preservação das memórias dos moradores não se restringe a um confronto com a modernidade, mas vivendo-a no presente, eles resignificam o passado.

Desta forma, entendemos que o enredo do filme não se reduz à proposta de que o atraso sucumbiu ao progresso ou que os moradores renunciaram à sua condição de sujeitos históricos. As águas da represa de onde emerge a torre da antiga igreja, à frente da qual os moradores caminham seguindo Biá, simboliza essa presença do novo, que insere a perspectiva de mudança na trajetória daqueles homens e mulheres. Com suas questões do presente agora vivido, a partir do desaparecimento de Javé, é necessário reconstruir o passado, não para buscar o que aconteceu, mas para entender o mundo que se descortina a partir dali. *Fui eu que salvei o sino*: com essa frase, pronunciada por um dos antigos moradores, o elo entre presente e passado se recompõe.



Nesta cena, ao final do filme, os moradores estão retirando seus pertences para iniciar um recomeço. A hidrelétrica foi construída e o novo espaço significa também a reconstrução das memórias sobre o passado.

Eric Hobsbawm, ao analisar o sentido do passado, afirma que ser membro de uma comunidade é situar-se em relação ao seu passado, ainda que para rejeitá-lo. Para o autor, “o passado é uma dimensão permanente da consciência humana, porque componente de nossos valores e padrões”. O que nos leva a pensar que o passado não é estático: localizamos nele as transformações sociais que expressam experiências diversas que atribuem a esse passado sentidos também diferentes. Se concordarmos com o autor nessa visão, entendemos o significado da sua afirmativa de que “o pior pecado

dos historiadores é o anacronismo” que não considera que o “começo da compreensão histórica é uma apreciação da alteridade do passado” e que o “[...] passado registrado muda à luz da história subsequente”.⁹

As regiões e as pessoas têm poucos marcos em comum nas suas histórias. Este é um campo onde o consenso não existe. Nossa experiência pessoal modela nossa visão dos acontecimentos e até a maneira como os avaliamos, nos diz Hobsbawm na análise do presente como história .

Quando nos reportamos à produção do conhecimento histórico estamos nos referindo a todas as maneiras pelas quais um sentido de passado é construído. Nessa construção (ou reconstrução) é importante situarmos as memórias no campo das relações sociais, entendendo-as como relações na diferença. As memórias atribuem significados ao passado a partir de um presente vivido e compõem um campo também atravessado pelas lutas sociais.

Em *Narradores de Javé*, das disputas pela história da cidade emergem histórias e memórias que sinalizam para as tensões vividas pelos moradores, não só nos seus embates com o de fora (os responsáveis pela construção da hidrelétrica), mas com eles mesmos pela apropriação dos sentidos da história. A disputa aflora com a possibilidade do desaparecimento, o que efetivamente acontece, e é ele que fornece o mote para o início da história, quando o viajante anônimo chega ao empório à margem da represa e começa a ouvir a história de Javé. Represa que também marca o fim de um tempo histórico e o começo de outro nas cenas finais, estabelecendo não uma ruptura, mas uma relação entre o que se vive agora, as memórias sobre o ontem e as expectativas para o amanhã.

A simplicidade dos personagens e a sensibilidade dos diálogos envolvem os que assistem ao filme, como se nós fossemos também parte do enredo, de acordo com as manifestações dos alunos em sala de aula. Talvez esta rede de comunicação silenciosa que se estabelece tenha sido alcançada pela preocupação da equipe de filmagem em percorrer o interior de Minas e da Bahia, ouvindo histórias e “esses fragmentos começaram a recheiar o roteiro”, como diz Eliane Caffé. Na entrevista concedida à Cineclick, ela ressalta essa preocupação:

⁹ Ler do autor: HOBSBAWM, Eric. O sentido do passado; O presente como história. In: _____. **Sobre História**. São Paulo: Cia. das Letras, 2000. p. 22-35; p.243-255.

“Narradores” foi completamente tomado pelo pessoal de Gameleira da Lapa (cidade que serviu de locação), e isso fez toda a diferença. Eles entravam na cena com tamanha força, com tamanha liberdade... Às vezes, com um certo descontrole, no sentido que faziam além da intensidade que era pedida. Isso, na verdade, foi dando autenticidade, marcando a cara do filme, que surgiu da integração desses moradores com os atores profissionais. Essa intimidade que ocorreu ao longo de quatro meses de convívio foi fundamental para o filme ganhar essa cara, que não era uma coisa que esperava que fosse tão forte.¹⁰

Trazendo para o debate a pluralidade de visões que correspondem às contradições reais da vida cotidiana, cabe ao historiador interpretar as reconstruções dos sentidos do passado, colocando-se também como sujeito nesse processo. Isso nos ajuda a compreender o mundo em que vivemos, os problemas enfrentados por muitos nesse nosso tempo, que também são os nossos, assumindo que a história que escrevemos é, antes de tudo, política.



www.revistafenix.pro.br

¹⁰ GUERRA, Roberto. Entrevistas. Exclusivo: Eliane Caffé. **Cine Clik**. Disponível em: <http://www.cineclik.com.br/entrevistas>. Acesso em: 04 maio 2006.